

CIÊNCIA E POESIA EM HAROLDO DE CAMPOS

Mestrando Gustavo Scudeller¹ (UNESP)

Resumo:

Este trabalho traz considerações sobre a relação entre ciência e poesia no livro A máquina do mundo repensada (2000), de Haroldo de Campos. Nossa hipótese é que o livro não propõe a ciência como único discurso válido sobre o mundo moderno, tal como parte da crítica parece aventar. Antes, serve-se dela para expor os impasses vividos pela poesia na atualidade, em especial aqueles que dizem respeito a sua relação com o saber e com a possibilidade de a poesia afirmar um lugar no presente mediante uma visão épica, totalizadora, da existência. Menos do que uma apologia do conhecimento, o livro é uma ocasião favorável para discussão dos problemas que dizem respeito à poesia contemporânea.

Palavras-chave: Haroldo de Campos, ciência e poesia, épico, poesia contemporânea.

Introdução

Em que medida *A máquina do mundo repensada*, de Haroldo de Campos, pode ser lida como um épico da ciência, e qual o valor de uma proposta estética como esta para o presente? Nos dias de hoje, qual o sentido de um poema que pretende reler a tradição épica da máquina do mundo a partir das especulações cosmológicas da física contemporânea?

Estas parecem ser algumas das perguntas colocadas por Alcir Pécora (2000) e Paulo Franchetti (2000), em resenhas publicadas na ocasião de lançamento do livro. Para tentar responder a elas, temos que lidar com um número razoável de dificuldades, que abrange desde a variedade de recursos teóricos disponíveis para julgarmos o presente até o problema da resistência crítica que o livro parece apresentar à leitura, como parte de seu projeto estético.

Para Alcir Pécora (2000), é justamente essa resistência do livro à leitura que constitui sua principal contradição. Se, por um lado, *A máquina do mundo Repensada* se propõe como um épico da ciência, um elogio do conhecimento; por outro, sua maquinaria de referências e alusões torna o livro hermético, de difícil leitura para um público leigo, que não domina as questões literárias e científicas abordadas por ele. Coma o a razão dessa contradição entre saber e hermetismo permanece misteriosa ao longo do texto, tudo leva a crer que o livro não está endereçado a um grande público, e sim a um pequeno grupo de iniciados, ou *especialistas*. Orientada pelo mercado, essa é a única comunidade socialmente autorizada a dizer o que deve ser decidido e pensado em cada um dos domínios do conhecimento. Assim, para Alcir Pécora, menos do que um elogio do conhecimento, o livro é um elogio da sujeição do saber ao capital e ao poder.

É também na mistificação do conhecimento que Paulo Franchetti (2000) apóia sua crítica ao projeto épico de *A máquina do mundo repensada*. Para ele, duas razões contribuem para o malogro desse projeto: o ecletismo do poeta e a irrupção de um episódio biográfico no desfecho do livro. Pois, se, por um lado, o ecletismo faz o poeta retomar e juntar visões de mundo excludentes entre si, como as visões pertencentes ao misticismo religioso e à ciência; por outro, o episódio biográfico torna patente que a principal motivação do livro não é narrar a origem do mundo a partir da cosmologia contemporânea, e sim expor as angústias do poeta que, avançado em idade, já não pode compreender o mistério do futuro e da morte com suas antigas figuras.

As leituras de Alcir Pécora e Paulo Franchetti justificam-se bem em seus respectivos propósitos, apresentando argumentos que dão muito pouca margem de contestação. Contudo, a partir de uma maior aproximação com o livro, seria o caso de nos perguntarmos, ainda, até que ponto *A máquina do mundo repensada* se acomoda aos critérios de leitura projetados sobre ela pelos críticos. Como veremos nem o épico nem a ciência são tratados de forma totalmente ingênua ou incipiente pelo poeta, tal como parecem sugerir os críticos. Ao contrário disso, eles constituem uma linha de interesses que atravessa toda a produção poética e crítica de Haroldo de Campos, e que convém ter em mente, se o que queremos é abrir caminho para um melhor exercício do distanciamento crítico, na leitura do livro.

1 A maquinaria do livro e as muitas ciências

O desafio de reduzir a um denominador comum as diversas figuras da máquina que o livro apresenta é a primeira dificuldade com que temos de defrontar à leitura de *A máquina do mundo repensada*. Isso vale igualmente para os temas científicos associados a elas. O livro tende à heterogeneidade; aparentemente a busca. Por isso tentar explicá-lo sob a forma de um princípio claro e simples, deduzido da experiência de leitura de outros textos, talvez não seja o melhor caminho a seguir.

Isso porque não se trata de **uma única máquina**, delimitável como a “máquina do mundo” idealizada por Camões (1517/1525-1580), em os *Lusíadas* (1572). Como o próprio Haroldo de Campos (2002, p. 59-60) sugere, a máquina deste seu último livro é retomada em perspectiva histórica, não se bastando num único modelo. Suas raízes extrapolam o campo da literatura e remontam ao pensamento antigo, abrangendo desde Platão e os pré-socráticos, até Dante e Drummond. No livro, essas idéias são retomadas a partir de escritores muito diferentes entre si, como Homero (9.3), Guimarães Rosa (2.3-3.3), Mallarmé (69.1); ou do imaginário de autores que, no desenvolvimento da ciência e da filosofia moderna, também pensaram o mundo sob essa figura, como Galileu (49.1), Newton (51.3), Laplace (59.2), Maxwell (63.1), Poincaré (68.2), Einstein (55.1; 67.1; 70.2) e Espinosa (79.2). Junto das idéias dessas personalidades eminentes, Haroldo inclui ainda comentários sobre o físico brasileiro Mário Schemberg (128.3), sobre Walter Benjamim (133.1), um ou outro comentário extraído das narrativas bíblicas do *Gênesis* (91.2; 147.3) e algo do misticismo judaico (146.3). Posto isso, se adotamos a idéia de que a “máquina do mundo” figura uma maneira particular de ver o mundo, tal como, num sentido mais abrangente, a ciência pode designar o conjunto do conhecimento acumulado por uma determinada época ou cultura, então nos restam poucas opções para o tratamento do assunto: ou restringimos o conceito de ciência ao modelo da mecânica clássica e, junto dela, restringimos a figura da “máquina do mundo” aos *Lusíadas*, primeiro poema em que a máquina do mundo é nomeada e definida *como tal*; ou então aceitamos parte dessa heterogeneidade e procuramos descrever as tensões que esses elementos estabelecem entre si ao longo do livro.

O problema assume então a seguinte forma. Sendo figura do mundo, a “máquina do mundo” é também figura da máquina, figura de sua própria representação. Nesse curto circuito, ela deixa-se apreender como **meio**, como símbolo de mediação entre o homem e o mundo, seja por sua etimologia (que envolve, entre outras coisas, a idéia de engenho, como propõe João Adolfo Hansen, 2008), seja pela função instrumental que cumpre para nós socialmente. Ou seja, na condição de meio simbólico, a máquina é irredutivelmente signo, simulacro, meio e representação de si mesma: ela apresenta-se como substituta e encarnação de um outro que falta e, ao mesmo tempo, se apresenta. Assim, lançada para dentro da própria cena que organiza, a máquina faz de si mesma objeto de sua representação e dramatiza a dinâmica do pensamento, apresentando-se como alegoria do **aparato** simbólico de que nos servimos para mediar nossa relação com o mundo. Sua irredutibilidade consiste justamente nisso: a máquina não poder transcender sua própria representação; a não ser multiplicando sua representação na representação da representação, sem nunca chegar a um fim. Eis sua mecânica.

Uma maneira melhor de lidar com esta dificuldade, talvez, seria evitar o barroco destas abstrações, concentrando a atenção nos aspetos concretos do livro. Isso poderia limitar a deriva semântica, já tão fortemente impulsionada por ele. Mas é possível supor que talvez essas idéias também não estejam tão consolidadas a ponto de manterem-se inabaláveis em face da perda momentânea dos atributos que as designam, no momento em que tudo no livro é lançado para o espaço da representação. Como sugere seu título, não se trata apenas de dizer a máquina, de representá-la sob a espécie de uma neutralidade épica, como se seu funcionamento fosse devido unicamente a si mesma; nem de pensá-la como se estivesse entregue somente às suas próprias forças, sustentando-se autonomamente, separada do todo e, principalmente, daqueles que a representam. A máquina do mundo de Haroldo de Campos é **repensada**. E, como tal, indica para nós uma história: a história de que toda história é a história de uma duplicidade e de uma repetição; a história de um retorno épico, talvez, mas de um retorno que **não** é um retorno clássico, do tipo que se completa na plenitude de uma retribuição. *A máquina do mundo repensada* é a história de um retorno dividido, que pode ser tanto a história de um pêndulo, como a história de uma volta impossível: a história de uma volta ou retorno que é, apenas e sempre, a ida em direção a um lugar irreconhecivelmente familiar.

Essa enumeração de problemas torna a leitura do poema enfadonha para uns; interessante, em suas dissonâncias, para outros. Para Donizete Pirez (2006, p. 118, 130), por exemplo, *A máquina do mundo repensada* expõe a visão de um mundo esfacelado, desarmônico, coerente com a visão de mundo do homem moderno e na qual sobressai uma consciência aguda da linguagem. Para Maria Heloisa Martins Dias (2007), o livro ironiza a seriedade da ciência contemporânea, indo, na opinião de Leda Tenório da Motta (2002, p. 187), ainda mais longe: para ela, o livro é uma incursão pelos infernos da “ultra ironia”, no qual a encenação de uma “comédia não divina” procura ridicularizar as pretensões totalizadoras da ciência como um todo.

Entretanto, cabe pensar: um poema, por extenso ou pequeno que seja, não presume também um recorte que já é, a sua maneira, um tipo de totalização da experiência, uma visão de mundo sintetizada em sua forma? Não importa que essa visão seja fragmentária ou irônica. Como diz Michel Deguy (2001), o poema faz proposições. Ele coloca hipóteses, problemas, juízos. Se isso é mesmo verdade, então não saberíamos dizer, com toda certeza, em que medida a poesia se diferencia da ciência, quando ela se opõe à experiência, duvidando dela, ao invés de lhe pedir soluções; ao mesmo tempo em que propõe soluções dogmáticas, às expensas do próprio campo que problematiza, independentemente e mesmo a contragosto do impulso que busca insistentemente evitá-las. Diante disso e da leitura de *A máquina do mundo repensada*, só podemos dizer que Haroldo leva muito a sério a ciência. Tão a sério que chega ao ponto de interessar-se mais por suas contrariedades, mais pela fragilidade dos saberes que ela produz, do que por suas certezas.

As máquinas do livro de Haroldo são exercícios de leitura, de reflexão. Esses exercícios guardam relação com os textos que lhe servem de fonte, ao mesmo tempo em que buscam transcender seu legado. Nele, encontramos ciências bem variadas, afeitas ou não aos modelos modernos e positivistas que conhecemos.

2 A máquina improvável do outro

A máquina do mundo repensada possui pelo menos três grandes figuras da máquina, que comportam diferentes representações do mundo. Dessas, a que mais nos interessa no momento não é exatamente uma representação da máquina, mas a representação científica (e, portanto, física, mecânica) de um determinado comportamento do mundo, que pode nos servir de interface com o confuso e vacilante aparato de significação que é o livro de Haroldo de Campos. Falamos da máquina de Mário Schemberg, o físico brasileiro, que também foi amigo do poeta. Ela é figurada na terceira parte do livro. E é também nesta parte que podemos dizer que o sistema central da máquina do mundo de Haroldo é representado. As outras duas partes do livro, enquanto ramificações desse esquema, são releituras de representações tradicionais da “máquina do mundo” na história da poesia

e da ciência, e, como a máquina de Schemberg, a análise delas não é desprezível. Passemos a elas rapidamente, para melhor notarmos suas diferenças.

A primeira dessas figuras da máquina é o que podemos chamar de figuração religiosa e literária da máquina do mundo, ou **máquina mito-poética**, para fixarmos uma nomenclatura. Essa figuração da máquina é a que recobre a maioria das apropriações especificamente literárias que Haroldo faz da máquina do mundo. Entre elas, estão as representações de Dante (1.1-7.3; 116.1-119.3), Camões (8.1-33.2; 120.1-125.1) e Drummond (33.2-35.1; 126.2-128.2). Um dos aspectos mais importantes destas figurações é a presença da figura feminina. Assim, temos a presença marcante de Beatriz (116.2), nas retomadas de Dante; de Tétis (22.2), na retomada de Camões; e da própria máquina do mundo em Drummond, que, “circumspecta e sublime” (119.2), assume traços humanos, insinuando-se eroticamente para o poeta. Essa alteridade feminina não é gratuita e combina com a “neutra face” (37.2) de Deus, o “ROSTO” divino (36.1), evocado por Haroldo ao fim da primeira parte do livro. O mais interessante nessa aproximação fica por conta de que, se, por um lado, a face divina deixa-se “repintar” (37.2) pelas fantasias metafísicas de cada poeta que dela se apropria; por outro lado, a figura feminina é arredia, intratável, na maioria das situações em que sua nudez se deixa pressentir como fim último, como o objeto de desejo por traz da máquina, ansiado pelos poetas. A máquina, como diz o poema na voz de Camões, não se entrega à “razão” viril (21.2), à presunção e orgulho da inquirição metafísica ou científica (121.2). Seu preço é a “fé” (124.3), a submissão incondicional ao maravilhoso. O segredo e a graça são os prêmios dados aos que persistem em *não duvidar* da insondável justiça divina. Assim, Deus (123.2), o soberano centro do mundo, torna-se acessível ao piedoso pela figura feminina; nela, a soberania é bela e sedutora, porque não ameaça. Como é evidente, também em Haroldo a especulação metafísica assume um aspecto erótico. Aqui, não há propriamente ciência; não em termos modernos: a *verdade* do mundo é aquilo “que à teodicéia / e à glosa escapa”, 21.2-21.3, e somente “à não razão é dada”, 21.3. Também, em termos históricos, não poderia haver ciência. Pois o que fundamenta as bases do tipo de relação com o mundo, presente nestas representações literárias, só se desenvolve com plena força numa época bem posterior à Idade Antiga e Média, entre os séculos XIII e XIX; e em franca oposição tanto ao sublime, quanto ao maravilhoso.

A segunda das máquinas do livro é a **máquina da ciência**, ou o “sistema” (41.2), para falarmos como o poeta do livro. Toda a especulação sobre esta figura aparece ao longo do segundo capítulo, e sugere algumas mudanças de paradigma que valem apenas ser retomadas na passagem de uma figura a outra. A primeira delas diz respeito à mudança de disposição do poeta no segundo capítulo, isto é, sua mudança de ânimo ou *pathos*. Se no primeiro capítulo era a “acídia”, a indisposição para assuntos religiosos que dominava o poeta (7.3); agora é a “agnose” (41.3), a desconfiança em relação à possibilidade de conhecermos as causas primeiras ou finais do universo. No primeiro caso, era a desconfiança em relação à visão mito-poética do mundo; aqui, é a desconfiança em relação à ciência. Posta essa condição, o poeta insiste. E começa justamente pela teoria do *Big-Bang*, a mais recente das especulações históricas referentes à origem universal. Já neste ponto, o poeta torna explícito seu interesse: “testar noutro sistema / [sua] agnose”, sua desconfiança, apontando algumas das contrariedades que fazem parte da própria dinâmica da inquirição científica. Como sugere o livro, a teoria do *Big-Bang*, a mais recente das especulações científicas, retoma justamente os pressupostos rejeitados, pelo menos teoricamente, pelos pensadores dos primeiros séculos da ciência moderna. Esses pressupostos são aqueles que sustentam a concepção de um mundo regido por causas e finalidades metafísicas, que têm em Deus, ou numa Causa originalmente pura e primeira, o seu principal fundamento. Em Haroldo, essa história das representações da máquina do mundo pela ciência vai basicamente de Galileu a Laplace; depois, sofre um abalo com Einstein, Poincaré e Maxwell; para então voltar a sua estabilidade com Einstein. É a história dos desdobramentos do modelo científico da mecânica clássica, e exprime a passagem de um modelo poético e religioso de interpretação da existência: tipicamente antigo, sustentado na Providência ou na vontade divina;

para um modelo moderno, científico e determinista: igualmente rígido, só que baseado nas noções de Causa e Necessidade.

3 A máquina dos anjos: os paralogismos da mediação simbólica

A terceira das figurações da máquina elaboradas em *A máquina do mundo repensada* é, como anunciamos, o que podemos chamar de a **máquina do mundo haroldiana** propriamente dita. Isso porque ela envolve as duas máquinas precedentes e, de certa maneira, pode ser retomada como síntese de todas as referências de que se constitui o livro; o que, como é evidente, torna-a inviável para a análise. Sua característica principal é a labilidade, o deslizamento dos temas para fora das partes e categorias a que deveriam estar circunscritos. Nela, a circulação do sentido sobrepõe-se a determinação dos *lugares* e pontos fixos do texto, redefinindo suas junções e subordinação conforme o avanço da leitura.

Mas, como dissemos, a máquina menor, a máquina de Mário Schemberg, pode servir de interface com o intrincado sistema d'*A máquina do mundo repensada*. Talvez, por meio dela, possamos entender algumas variantes de sua ciência. Eis o trecho em questão:

128.3. – paro aqui: penso em mário – nessas mínimas

129.1. partículas neutrinas que o seu vivo

2. tansfinito olho azulverde enfocara

3. pondo em relevo o impacto decisivo

130.1. que no processo têm de onde dispara

2. a perda da energia astral – enorme –

3. veloz como roleta que não pára:

131.1. ‘urca’ (ao processo é gamow quem dá nome) –

2. pois se o neutrino dura outras instáveis

3. partículas se criam e se consomem

132.1. como os anjos que exsurgem e voláteis

2. por um instante (apólogo rabínico)

3. louvam a FACE e morrem de inefável

133.1. deslumbre: é o que se lê num benjamíneo

2. *midrash* (se bem recorde) [...]

A passagem citada é a primeira parte do trecho dedicado a Schemberg no livro. A segunda vem na sequência imediata destas primeiras estrofes e refere a visita que Haroldo teria feito ao túmulo de um rei maia, nas ruínas de Palenque. O gesto retoma a decida do herói ao mundo dos mortos, característica dos épicos clássicos. Mas para Paulo Franchetti (2000), marca justamente o momento em que o projeto épico de *A máquina do mundo repensada* é solapado pela emergência de um impulso autobiográfico, que inclinará o poema da lírica objetiva para o poema confessional. Para Alcir Pécora (2000), esse também é o ponto em que a mistificação da personalidade do cientis-

ta e, com ela, a idealização da ciência por parte do eu lírico, atinge seu apogeu, tornando-se mesmo risível, pois é aí que encontramos Mário mistificado como Beatriz, a musa beatífica de Dante: e é por seus olhos “transfinito[s]” (129.2), os de Mário, que Haroldo tem a visão reveladora dos segredos quânticos do mundo.

Paulo Franchetti e Alcir Pécora dizem o que dizem com boas razões. O trecho como um todo de fato marca uma espécie de ruptura em relação ao que vinha sendo exposto pelo poema – o que não surpreende muito, se considerarmos que a descontinuidade e o desvio são alguns dos procedimentos chave do livro. Mas a ruptura ganha importância neste ponto quando pensamos que é um comentário à máquina do mundo de Drummond que ela interrompe, ao substituir o épico pelo biográfico; precisamente, o momento que Drummond, desconfiado, desdenha acolher a visão intempestiva da máquina, em nome da sobriedade. Neste momento, o “paro aqui: penso em Mário” (128.3) tem um impacto disjuntivo muito forte. Parece sugerir uma alternativa à atitude de Drummond, ou pelo menos a consideração de algo distinto. Nos épicos tradicionais, a *Odisséia*, a *Eneida* e mesmo a *Divina Comédia*, a evocação dos mortos ou a descida do herói aos infernos vinha sempre acompanhada de uma profecia. Esse recurso era usado para exprimir uma opinião do poeta sobre o presente. O recuo temporal, mítico, essencial às narrativas épicas, permitia, neste caso, um uso subversivo e bastante engenhoso dos padrões tradicionais do gênero. Aqui, o recuo temporal de Haroldo parece dizer algo sobre o presente da poesia brasileira e, principalmente, sobre a relação que ela estabelece com a tradição clássica.

Alcir Pécora é generoso ao propor um paralelo d’*A máquina do mundo repensada* com a *Divina Comédia*. Mas não o bastante quando propõe uma aproximação tão estreita das figuras de Mário Schemberg e Beatriz. Na *Comédia*, Virgílio é o sábio poeta que conduz Dante pelo mundo dos mortos, e por quem Dante tem altíssima consideração. Essa consideração, contudo, não é o bastante para fazer Dante subverter a hierarquia cristã e permitir a um pagão conhecer os prazeres da graça divina, deixando-o passar além dos limites do Inferno e do Purgatório. A atuação de Virgílio está circunscrita a apenas esses territórios. Em *A máquina do mundo repensada*, Mário Schemberg não é Virgílio; e também o terceiro capítulo do livro, com suas imagens ígneas da explosão original do universo, com suas referências ao *Big-Bang* e seus tremores de terra em Palenque, nada tem que ver com o Paraíso de Dante ou com a visão beatífica de Beatriz. O olhar de Schemberg não traz a revelação do mistério do mundo, segundo o concebe a física. Ao contrário disso, o trecho reforça o mistério, ao retomar os temas do “segredo” (140.3) e da proximidade com a morte, na exposição do susto vivido por Haroldo, enquanto visitava o túmulo do rei maia.

4 O “barroco maravilhoso”

Mas ainda aqui o aspecto mais interessante do trecho dedicado a Mário Schemberg permanece sem solução. E essa irresolução tem para nós um valor especial, pois é a relação da ciência com a poesia que permanece inconclusa na passagem referida. Haroldo pára, pensa em Mário. Mas do final do verso 128.3 até o verso 131.3 não é de Mário que Haroldo fala, e sim da teoria astronômica de Mário. Em síntese, o trecho é um comentário científico sobre o papel das partículas subatômicas no processo de esfriamento das estrelas.

Neste ponto do livro, a magnitude épica da cena ganha corpo na explicação do efeito desproporcionalmente grande, “decisivo” (129.3), como diz o poeta, que as partículas microscópicas têm sobre a organização material do universo. Elas são microscópicas, mas não insignificantes. Contudo, a intensidade desse efeito de transformação não é motivada por um impulso épico, construtivo, no sentido clássico do termo: ela não obedece a um princípio de imitação e obediência ao que já se encontra instituído, nem se comporta como uma força obstinada de elevação, de continuidade com o passado. Ela é uma força destrutiva, deslocadora de identidades e de vínculos materiais constituí-

dos, cujo efeito começa no núcleo do átomo e repercute até o nível astronômico (130.2), explicando a instabilidade essencial do universo.

Essa alegoria subatômica culmina na imagem de uma roleta veloz (130.3), que não pára, e liga o episódio a outros trechos do livro em que a figura da “máquina do mundo” é retomada pela perspectiva do jogo. Por meio dele, os temas do azar (69.1) e da incerteza (72.3) são reconhecidos como parâmetros irredutíveis da concepção de mundo adotada pel’*A máquina do mundo repensada* e, de certa maneira, constituem o núcleo do seu argumento. Tal como as figuras da repetição e do reflexo, o jogo recobre várias passagens do livro e está, por exemplo, no trecho em que o poeta retoma o dito de Einstein, perguntando-se se há um “deus que joga os dados” (109.1) do destino. Aí, como em outros momentos da poesia de Haroldo, a alusão ao Lance de Dados, de Mallarmé (69.1), é, antes de tudo, uma tomada de posição em relação à poesia e ao contemporâneo, sendo, neste caso, uma alusão ainda mais problemática, pois justapõe os pensamentos de um poeta e de um físico. Mallarmé e o azar aparecem, assim, como os pontos de ligação da poética de Haroldo com a ciência contemporânea no livro.

Como já dissemos, não se trata de ironizar ou submeter a poesia à ciência, mas de justapor uma e outra. A ciência interessa a Haroldo; mas não a ciência desinteressada, a ciência dos produtos acabados e irrefutáveis do conhecimento: o dogma científico. Haroldo anseia pela ciência aberta, questionadora, desconfiada das próprias certezas, dividida em relação ao dom que lhe é concedido. A ciência que, como nas teorias de Maxwell (63.2) e Poincaré (68.1), tira sua força da instabilidade dos fenômenos naturais, do desafio de lidar com o improvável. Haroldo parece ver uma beleza estética nisto, como parece ver uma espécie peculiar de saber nas incertezas do poema constelar de Mallarmé. Não é por menos que, em seu livro, Mallarmé e os dois físicos aparecem, também, colocados lado a lado, sem subordinação. Haroldo parece explicar de que ordem é esse saber reivindicado pelo livro em uma passagem sucinta; nela, o saber proporcionado pela persistência no erro, pela disposição do sujeito em repensar sua experiência em virtude da heterogeneidade das situações é o que tem preeminência sobre as certezas da ciência. Nessas circunstâncias, nem a ciência nem as vivências do sujeito experimentado são suficientes para conter a imprevisibilidade do devir. E é justamente essa imprevisibilidade que constitui a particularidade do sujeito que nele se inscreve:

111.1. O meu rumo desruma: evento sângulo?

2. (as leis da física ali não se aplicam).

Pelo gancho de um “como” (132.1) comparativo, também no trecho referente a Mário Schemberg, a linearidade da teoria científica é suspensa por uma aproximação analógica. As partículas dos neutrinos, que se criam e instáveis se consomem, são comparadas pelo poeta com a dança dos anjos efêmeros em torno à face de Deus, descrita por um apólogo rabínico. O movimento, como em outras passagens do livro, é brusco, arrebatador. Nisso, assemelha-se ao movimento da metáfora, quando estabelece analogias entre aspectos da realidade pertencente a universos inteiramente estranhos entre si. No trecho referido, o poeta passa do universo científico e microscópico da física quântica para o universo totalizador e metafísico da religião, sem mediações. Nessa passagem, não há decisão ou posicionamento explícito do poeta. Ele não opta abertamente por um ou outro dos membros da comparação, apenas os justapõe, movido pelo inusitado da semelhança. Mas é possível objetar, ainda, que a perspectiva religiosa e a científica excluem-se mutuamente; e que, sendo assim, por algum meio, mesmo que implícito, o poeta opta por uma delas: se dúvida, opta pela ciência; se não, pela religião. Mas as coisas não parecem ser bem assim na obra de Haroldo.

A curiosidade pelo paradoxal, pelo irresoluto é parte significativa de suas especulações poéticas e literárias. Isso é apontado por alguns estudiosos de sua obra, além de ser freqüentemente retomada pelo próprio Haroldo, em alguns de seus ensaios sobre poesia e literatura. Para Haroldo, a perplexidade é a condição do homem moderno. E, também, a condição de preservação da poesia numa cultura dominada pelo desejo de neutralidade e de certeza científicos, pelas doutrinas absolu-

tistas dos mais variados tipos. A divisão do mundo em esferas discretas ou ingenuamente reconciliáveis entre si não parece ser a solução buscada por Haroldo, especialmente em *A máquina do mundo repensada*. Não se trata de decidir entre a ciência ou a religião, mas de afirmar a poesia como lugar de fronteira, como experiência confirmada e enriquecida no exercício da dúvida: um tipo de acúmulo derivado do direito de não decidir e que guarda algumas relações com o que Marcos Siscar (2006, p. 179-180), ao tratar da poesia de Haroldo, parece definir como sendo o direito que a poesia tem de não responder diretamente ao presente. Esse acúmulo não se deixa definir em termos de um saber positivo ou negativo a respeito do mundo. Para Haroldo (“a dúbia pergunta”, 145.2-3), o saber positivo, e de alguma forma também o negativo, constituem e servem juntos aos modelos tradicionais de apreensão do mundo, são delimitados por eles. Esses modelos de compreensão são os modelos que, literariamente, Haroldo identifica com as premissas clássicas de neutralidade e certeza e com a visão épica da verdade. Para Haroldo, a alternativa que hesita entre os extremos desse modelo e revela suas contradições é o que ele chama de **barroco**, ou retórica do maravilhamento. É no alumbramento da percepção, no movimento de choque e desligamento dos signos que compõe os extremos, as classes e as divisões da nossa percepção do mundo, que encontramos os recursos de contestação, mudança e abertura da clausura impostas pelas convenções. Em *A máquina do mundo repensada*, a realidade do mundo não está dada. Não se entrega à contemplação desinteressada.

Haroldo manifesta essa visão do barroco em um ensaio de poética bíblica, sobre o livro de Jó. Nele, a interpretação do texto bíblico vem acompanhada do conceito de epifania, também importante na poesia de Haroldo. Como Haroldo nota, é pela teofania, pela manifestação presencial da pessoa de Deus, que Jó é justificado na fábula bíblica. Aí, a participação estética/estática da personagem na visão do todo é fundamental para o alçamento de uma experiência do sublime que não se dá pela via da lógica discursiva. O conhecimento, em Haroldo, não é da ordem do que se acumula e se reserva conscientemente, mas do que se apreende pela aplicação dos sentidos:

Ao invés de prover a apelação de Jó e promover-lhe um julgamento regular onde sua inocência seria evidenciada (e a sentença punitiva conseqüentemente anulada, através desse processo revisional, já que Deus é justo por definição), o Supremo Juiz deixa indecível a questão do **direito** ou do **não-direito**. Passa a ser impertinente a disjunção. Fica ‘suspensa’ (mantida/abolida) através do **ver**, ou seja, da **revelação epifânica** do Deus que vem presencialmente responder a seu servo – um servo que antes soubera dele apenas pelo ‘ouvido’ [...]. [Jó recebe] uma reparação consideravelmente mais ampla, através do acesso imediato, por meio de algo como uma **abdução**, uma iluminação **icônica**, ao cerne mesmo daquilo que está para além de toda concepção ético-humana de justiça retributiva: a contemplação da face divina em sua obra criativa. Nesse vórtice assombroso, o réu gratuito, por sua vez gratuitamente agraciado numa derradeira instância, se abisma, rendido à evidência do ver. Retórica persuasiva de maravilhamento, conduzida por um Deus barroco? No ‘discurso engenhoso’, tal como o praticado, por exemplo, por Antônio Vieira, não prevalece a ordem do raciocínio que culmina no juízo; antes, as palavras, como seres autônomos, se deixam conjugar musicalmente, geometricamente; mas essa ‘alquimia verbal’, por sua vez, é um meio (icônico) ‘para persuadir o ouvinte de uma verdade ou para constrangê-lo a uma ação’ [Antonio J. Saraiva, *O discurso engenhoso*, São Paulo, Perspectiva, 1980] (CAMPOS, 2000a, p. 60-62; grifos do autor)

Como se verifica, a adesão e o interesse de Haroldo pela epifania não se explica por seu caráter místico ou religioso. Tampouco ele está interessado em explicar positivamente as ilusões e as privações de sentido exigidos pela concepção religiosa do mundo. Seu interesse é, como diz (p. 19), poético e laico. E, no que concerne a relação da poesia com o pensamento, o que mais lhe interessa é entender como que, lançando mão de meios de significação que fogem ao rigor da lógica discursiva, da língua submetida ao privilégio da palavra e do som, a poesia pode adiar indeterminadamente

a conclusão do sentido, quer pelo fechamento dogmático de um preceito religioso, baseado na autoridade da tradição, quer por alguma certeza presumidamente inquestionável da ciência.

Conclusão

As breves reflexões realizadas até aqui permitem chegar a pelo menos algumas conclusões sobre a relação entre ciência e poesia em Haroldo de Campos.

A primeira delas, é que *A máquina do mundo repensada* possui, sim, um fundamento épico determinante, como afirmam Alcir Pécora e Paulo Franchetti. É por meio dele que o livro entretém um diálogo crítico com a possibilidade da realização do sublime na modernidade. Diferentemente do que Leda Tenório da Motta e Maria Heloisa Martins Dias propõe, para nós, não é o cômico ou uma concepção refinada de ironia que determina a relação de Haroldo com a ciência e a tradição literária. Haroldo leva essas tradições bem a sério e isso não é uma peculiaridade de *A máquina do mundo repensada*, mas de toda sua produção. Todavia, o livro não retoma a ciência e o épico a partir de seus fundamentos clássicos, tradicionais, como parecem sustentar Paulo Franchetti e Alcir Pécora, ao lerem-no a partir desses modelos. *A máquina do mundo repensada* dialoga com o épico, mas não se restringe exclusivamente ao sentido europeu do termo, que inclui como poemas exemplares a *Ilíada*, a *Eneida*, a *Divina Comédia* e *Os Lusíadas*. Tampouco o livro é um elogio ingênuo do progresso da ciência, uma vez que valoriza a dúvida como condição irreduzível do saber, especialmente a dúvida em relação os valores instituídos por ela.

Esse interesse pelo indefinido é percebido por Haroldo na controvérsia da física quântica com a mecânica clássica. No caso, é o elogio das incertezas trazidas pela nova física que ganham um destaque maior do que o elogio de uma evolução contínua e desobstruída do saber. Esse gesto traz à tona a hesitação da ciência justamente em um dos campos de estudo mais prestigiado pelo progresso: a Física, a ciência que se instituiu como modelo por causa da exatidão de seus métodos lógicos, matemáticos e experimentais.

Haroldo contesta essa soberania do sujeito na constituição do sentido também na relação que o livro estabelece com os épicos tradicionais, ao duvidar do princípio de objetividade implicado no modelo narrativo tradicional e, principalmente, nas narrativas modernas promovidas pela ciência. Haroldo questiona, assim, as presunções do saber que, imaginando-se investido dos atributos ideais da neutralidade, do desinteresse, ou do domínio seguro do sentido, acredita poder apresentar ao mundo uma verdade totalizadora, mesmo que subjetiva, da experiência moderna. No lugar disso, Haroldo propõe uma estética “barroca”, ou do maravilhamento: por meio dela, a poesia não precisa propor conclusões; antes, procura enriquecer a experiência na contemplação estética, que é sempre paradoxal e eminentemente interessada.

Encontrar o paradoxo, a dúvida e a incerteza no interior da ciência não é para o Haroldo de *A máquina do mundo repensada* apenas retomar um valor instituído pelo pensamento científico em suas origens e desprezado pela idéia corrente que fazemos dela. Haroldo sublima a incerteza na ciência contemporânea, mas somente à medida que nela encontra respaldo para destacar a elaboração de um problema da mesma ordem em poesia. Para Haroldo, a elaboração desse problema encontra seu ápice no *Lance de Dados* de Mallarmé, um poema cujo impacto sobre a reflexão contemporânea a respeito do problema da representação não teria sido de menor importância para a reflexão estética do que o princípio de incerteza teria sido para a física. Assim, pensados no interior da nossa reflexão sobre o mundo, a incerteza e o acaso estipulam uma margem de arbitrariedade sobre as formas de determinação do pensamento na contemporaneidade que, especialmente do ponto de vista político, não poderia simplesmente ser desprezada.

Chegamos, assim, a uma última conclusão sobre *A máquina do mundo repensada*, que tem também a forma de um paradoxo: se, por um lado, o livro dá figura ao capricho e a arbitrariedade política, ao idealizar a pessoa do cientista e exigir um leitor especializado, conivente com a crescen-

te acumulação do saber no interior do mercado; por outro, ao destacar a dúvida e a arbitrariedade, mesmo no discurso aparentemente mais rigoroso da ciência, *A máquina do mundo repensada* evidencia a presença do ficcional (e, portanto, também do hipotético, do imponderável) no interior da própria ciência, generalizando o fantasioso para além das fronteiras muito tênues que separam a literatura e a vida. Isso quer dizer que, embora sejam escassas as representações do cotidiano no livro, esses problemas fazem pensar sobre o papel social atualmente reservado à ficção e à literatura, tal como Marcos Siscar (2004) propõe ao comentar o problema da contradição em Baudelaire. Questionar-se sobre a abrangência dessas incertezas, sobre a insolubilidade do que é instituído como fato pela ciência ou não, é também refletir sobre a hegemonia que as idéias de certeza e a neutralidade científica possuem no interior da vida moderna.

Referências Bibliográficas

- [1] CAMPOS, H. *A Máquina do Mundo Repensada*. São Paulo: Ateliê, 2000.
- [2] _____. *Bere'shit: a cena da origem (e outros estudos de poética bíblica)*. 1 ed. reimpressa. São Paulo: Perspectiva, 2000a.
- [3] _____. *Depoimentos de oficina*. São Paulo: Unimarco, 2002.
- [4] DEGUY, M. Situação. Trad.. M. Siscar. Inimigo Rumor, Brasil/Portugal, n.11, 2001, p. 25-31.
- [5] DIAS, M. H. M. Rotações poéticas da “máquina do mundo”: de Camões a Haroldo de Campos. : IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada. Disponível em: <<http://www.eventos.uevora.pt/comparada/volume2.htm>>. Acessado em: 29 mai. 2007.
- [6] FRANCHETTI, P. Funções e disfunções da máquina do mundo. *O Estado de São Paulo*, 24 set. 2000, Caderno 2.
- [7] HANSEN, J. A. A máquina do mundo. *Revista Sibila*. Consultado em 1 de maio de 2008. Disponível em <<http://www.sibila.com.br/mapa12maquinadomundo.html>>.
- [8] MOTTA, L. Desastre de astros: sobre o último Haroldo de Campos cosmovisionário. *Sobre a crítica literária brasileira no último meio século*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 163-187.
- [9] PÉCORA, A. O Big Bang místico. Folha de São Paulo, São Paulo, 24 set. 2000. Caderno Mais!, p. 20-23.
- [10] PIRES, A. D. A máquina do poema repensa a máquina do mundo. In: FERNANDES, M. L. et ali. (org.). *Estrelas Extremas: ensaios sobre poesia e poetas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006. p. 109-135.
- [11] SISCAR, M. A parte da ficção: o problema da contradição em Charles Baudelaire. In: NASCIMENTO, E.; OLIVEIRA, M. C. (org.) *Literatura e Filosofia: Diálogos*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2004.
- [12] _____. *Estrelas extremas – Para Haroldo de Campos*. In: FERNANDES, M. L. et ali. (org.). *Estrelas Extremas: ensaios sobre poesia e poetas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006. p. 109-135.

¹ **Gustavo SCUDELLER, Mestrando**

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE/UNESP)

Programa de Pós-Graduação em Letras

E-mail: gustavoscudeler@yahoo.com.br

Bolsista: FAPESP (Processo nº 06/59621-0)